



**Entre presas e estacas: signos icônicos do vampirismo
em *Mordida* (2021) de Sarah Andersen¹**

***Between fangs and stakes: iconic signs of vampirism
in *Mordida* (2021) by Sarah Andersen***

Marina Silva NÓBREGA²
Márcia TAVARES³

Resumo

Mordida (2021) é uma narrativa gráfica criada por Sarah Andersen - inicialmente, publicada em formato de *webcomic* e migrada para o suporte físico - a qual concentra seu enredo no cotidiano de Elsie, uma vampira, e seu relacionamento com Jimmy, um lobisomem. A partir desse encontro e da construção de uma relação romântica, os personagens encontram-se como semelhantes e passam a partilhar momentos da vida e relatos juntos, porque encontram um no outro, a chance de serem quem são, monstros. Objetivamos analisar como a protagonista se constitui um signo icônico das significações atribuídas ao vampirismo em uma narrativa com conflitos urbanos e contemporâneos. A Teoria Semiótica de Peirce, a partir de Volli (2007), e de Kristeva, discutida em Silva (2018), fundamentaram a leitura dos quadrinhos centralizada em uma análise dos signos e seus interpretantes presentes na obra. Em nossos resultados compreendemos que há uma recriação (Sant'anna, 2003) configurada no mito da jovem vampira.

Palavras-chave: *Mordida* (2021). Sarah Andersen. semiótica. signo icônico.

Abstract

Mordida (2021) is a graphic novel by Sarah Andersen—originally published as a webcomic and later adapted to print—that centers on the daily life of Elsie, a vampire, and her relationship with Jimmy, a werewolf. Through this encounter and the development of a romantic bond, the characters recognize themselves as similar and begin to share life experiences and narratives, finding in one another the possibility of being who they truly are: monsters. This article aims to examine how the protagonist becomes an iconic sign of the meanings attributed to vampirism within a narrative marked by urban and contemporary conflicts. The analysis is grounded in Peircean Semiotics, based on Volli (2007), and on Kristeva's theoretical contributions as discussed by Silva (2018), with a focus on the signs and their interpretants within the work. The results indicate a

¹ Artigo produzido a partir de um trabalho apresentado no Intercom Nordeste 2025/2024, no Grupo de Trabalho Comunicação, Linguagens e Quadrinhos" do Intercom Nordeste 2024

² Graduada em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Campina Grande.
E-mail: marina.nobrega@estudante.ufcg.edu.br

Doutora em Letras, docente do Curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande.
E-mail: marcia.tavares@professor.ufcg.edu.br



recreation of the myth of the young female vampire, in line with Sant'anna's (2003) perspective.

Keywords: *Mordida* (2021). Sarah Andersen. Semiotics. Iconic Sign.

Introdução

A figura vampiresca é objeto de estudo desde o início de seus mitos, que, de acordo com Aidar e Maciel (1986), são forma de resposta ao mundo externo daquilo que é completamente estranho e indizível, correspondendo a um código para decifrar parte do mundo, como meio de organizar um caos. Tais mitos não têm datas precisas na historiografia, Mas, nos textos teóricos sobre a origem e o que se compreende como vampiro, temos períodos que merecem destaque, como a Europa do século XII, em que o historiador William de Newburgh relatou diversos casos de mortos-vivos que retornavam para aterrorizar e atacar durante a noite. Casos como esse infestaram o imaginário de comunidades, de modo a se tornar foco de discussão intelectual que culminou em relatórios oficiais, os quais iniciam uma investigação séria sobre o vampirismo. Nosso foco não é realizar um percurso temporal completo desde a origem dos mitos até a atualidade, porque se confere em um material vastíssimo que carece de um longo tempo de análise, assim, procuramos realizar recortes para fazer com que as referências não se distanciem tanto do objeto analisado.

O mito do vampirismo é complexo, pois, em suma, se compreende o vampiro - diante das figuras e relatos encontrados no percurso histórico-cultural como um ser do imaginário antigo, notívago, de tez pálida, o qual se fortalece de uma força vital, sendo a principal, o sangue, além de possuir presas. Assim, como exemplo, temos alguns monarcas: Vlad Tepes (1431 - 1476) e Elizabeth Báthory (1560 - 1614), os quais a partir de textos historiográficos tiveram suas práticas sanguinárias e cruéis reveladas, como o empalamento e o consumo de sangue; os personagens literários e cinematográficos: Carmilla, Drácula e Louis de Pointe du Lac⁴, vampiros que reproduzem e recriam características dos mitos. É possível observar que a figura vampiresca é capaz de assumir diferentes “faces” a depender do referencial, seja ele histórico, geográfico ou cultural, podendo também assumir todos estes.

⁴ Personagem de *Entrevista com o vampiro* (1976) de Anne Rice.



A partir dessa exposição, situamos a nossa referência como o vampiro literário, aqui demarcado primeiramente no campo narrativo e histórico. Segundo Porto (2018), os vampiros literários masculinos do século XVIII ao XX podem se encontrar em uma destas categorias: o folclórico, o byroniano e o stokeriano. Assim, diante do recorte temporal, recorreremos *a priori* a duas destas classificações, o byroniano e o stokeriano, tecendo algumas considerações, para então, discutirmos as nossas perspectivas de análise em torno das personagens femininas, formuladas a partir do material bibliográfico, pois o cenário de uma personagem evidencia a condição das mulheres em um determinado contexto sociohistórico, em que a figura feminina só tem duas grandes possibilidades representativas dentro das narrativas: a que precisa ser salva e é ingênua ou a demoníaca, pecaminosa. Logo, temos, comumente: a **vítima** e a **sedutora**. Quanto aos vampiros, do byroniano salientamos o apelo sexual que envolve esta figura, o traço homossexual ou sáfico - considerando as mulheres protagonistas - de algumas personagens e os ataques sucessivos às vítimas femininas. Acerca do vampiro stokeriano, destacamos sua obsessão em obter uma companhia pela eternidade, a influência sobre animais e a condição do consentimento “para entrar”. Tais características de personagens masculinos permeiam as histórias protagonizadas por vampiras, mesmo que não a contemplem integralmente, porque existem personagens que reverberam as características cristalizadas e categorizadas dentro da literatura, enquanto outras narrativas permitem recriá-las em alto grau, principalmente quando consideramos as figuras do sexo feminino. Nesse sentido, outra categoria que poderá ser elencada é a **vampira** como a protagonista da história e não como personagem secundária que não interfere no andamento das mudanças do enredo.

Então, as categorias mencionadas e formuladas podem ser descritas do seguinte modo: **vítima**, a que surge como alvo, frágil e que deve ser protegida, como Mina Harker em *Drácula* (1897) e a **sedutora**, aquela que encanta, persuade e põe em transe, como Geraldine em *Christabel* (1800). Essas categorias podem ser percebidas e formuladas diante da análise de como surgem e são descritas as personagens femininas nas narrativas citadas, bem como, os seus traços que são retomados em produções posteriores. Com isso, percebemos uma tendência nas narrativas modernas de naturalização do vampiro no contexto em que ele se encontra, “em casos de enredos nos quais a figura do vampiro é naturalizada, o efeito do fantástico não ocorre por falta do fator familiar, de inquietação”



(Correa, 2022, p. 18), o ser que antes era o monstruoso e à parte da sociedade por ser diferente, agora busca se inserir nela.

Considerando que a partir da figura byroniana houve mudanças para a stokeriana entre outras, recorremos a Sant'anna (2003) para situar o fenômeno tocante à Estilização⁵, uma vez que, “está a meio caminho entre a linguagem clássica e a moderna” (Sant'anna, 2003, p. 76), especificamente a uma das manifestações deste recurso narrativo: a Recriação. Tal mecanismo se revela na representação do vampiro, na apropriação de características já consagradas e na implementação de novas marcas. A Recriação, conforme o autor citado, é um artifício alcançado na estilização que compreende um movimento de retomada, aqui de um personagem, sem explodir os limites que o delimitam, assim, de um determinado código. Em relação às narrativas vampirescas, o recurso ganha forma e destaque na referência de características reconhecíveis nas figuras vampíricas, em diversos meios, mas não se limitando apenas a elas, de modo a agregar novos traços estilísticos aos personagens.

Dito isto, temos como referência inicial os mitos presentes nas sociedades da Europa a partir do século XII. Estas histórias eram originadas e alimentadas diante da ausência de conhecimento sobre o processo de morte, estimulando a crença de que os falecidos voltavam para se vingar. Em 1872, a primeira protagonista em prosa, em *Carmilla* de Sheridan Le Fanu, primeiro publicado em conto e depois em novela. O enredo revelou uma imagem inovadora, da mulher com presas, não subjugada a uma presença masculina, além de uma personagem feminina protagonista que se envolve com esta figura sanguinária. A próxima mulher que surge é a “filha do Drácula” em *Dracula's Daughter* (1936), sem muito prestígio, como também a personagem “Vampirella”, em quadrinhos, nos anos 70, com uma imagem hipersexualizada. As demais narrativas que se seguem aos personagens citados apresentavam mulheres nas sombras dos vampiros. Diante disso, percebemos as figuras vampíricas femininas que se enquadram nas categorias apresentadas anteriormente, mas que também as ampliam. Ainda que não sejam personagens pertencentes ao gênero aqui destacado, história em quadrinhos, essas menções são fontes de recursos específicos que se tornam significativos ao retomá-las por

⁵ É um outro texto que se apresenta em acordo com o original, o alterando a partir de um desvio tolerável, “[...] reforma esmaecendo, apagando a forma, mas sem modificação essencial da estrutura” (Sant'anna, 2003, p. 41).



seu pioneirismo vampírico no sentido de estabelecer referências imagéticas sobre essa figura.

A partir dessa breve revisão sobre o contexto de surgimento e referências sobre a figura vampírica, podemos situar o objeto desse artigo, ancoradas na Teoria Semiótica de Charles Sanders Peirce, abordada por Ugo Volli, em *Manual de Semiótica* (2007), principal aporte para a análise do nosso objeto de estudo, a história em quadrinhos estadunidense, *Mordida* (2021) criada pela artista e cartunista, Sarah Andersen. Como a discussão focaliza uma personagem feminina vampira em uma HQ, o método de observação do objeto será guiado, primeiramente, pela linguagem quadrinística, a partir da investigação de elementos que fundamentam o protagonismo de Elsie, sendo eles, os planos de enquadramento e os balões da personagem. Além disso, são igualmente relevantes, os elementos como os aspectos narrativos, o tempo e os traços do eixo temático romanesco, já que o enredo se desenvolve no romance entre duas figuras “monstruosas”, observação que muito nos interessa na representação desta figura nesta obra. Dito isto, buscamos atender a este percurso analítico distribuindo o artigo em tópicos apresentados a seguir.

No primeiro tópico, **Notas sobre a semiótica como fundamento para leitura de Mordida**, tratamos de breve discussão sobre os aspectos da semiótica como fundamentais para abordamos a linguagem em quadrinhos a partir de personagem em foco e de suas características. Nosso curso será historicizar o conceito para então chegarmos à cartunista e a obra em destaque, o que intentamos no tópico: **Um olhar semiótico sobre Elsie, a vampira**, em que utilizamos como metodologia de análise a sequência proposta por Stuart Hall em *Cultura e Representação* (2016) que consiste em dois grandes passos: o primeiro de denotação (descrição) e o segundo de conotação (sentidos atribuídos) e, a partir da Teoria Semiótica, contemplamos a ideia de signos e níveis de significação, abordando, por fim, o conceito de Representação, dentro dos estudos culturais. Apontamos ainda que uma pesquisa direcionada a este personagem clássico não o esgota, além de que um trabalho voltado para a obra escolhida pode acrescentar discussões, apontamentos e contribuições aos estudos realizados acerca do vampirismo, bem como do feminino.



Notas sobre a semiótica como fundamento para leitura de *Mordida*

A semiótica é uma ciência que comporta os estudos dos sentidos de signos e suas significações - o que certa forma é para nós - a riqueza de sentidos atribuídos a partir do conhecimento de mundo ao observar, ler, e decodificar a linguagem, seja ela verbal, visual ou sonora. Estes signos, em suas diversas e possíveis instâncias dentro da linguagem, possuem potenciais interpretativos, os **interpretantes**, e podem ser identificados, dentre outras categorias, como: icônicos, indicativos ou simbólicos. Segundo Peirce,

um signo, ou *representâmen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto* (Peirce, 2010, p. 46).

Tendo em vista nosso interesse pela representação da figura feminina presente na narrativa, a vampira, Elsie, compreendemos por representação “[...] a produção do significado dos conceitos da nossa mente por meio da linguagem” (Hall, 2016, p. 34). Em nossa análise, a linguagem é quadrinística, o conceito, a vampira e nossas considerações, os significados atribuídos a tal representação. Com isso, temos por objetivo observar como a personagem-protagonista, Elsie, se constitui um signo icônico, a partir de interpretantes presentes na obra, a fim de compreender a significação atribuída à figura da vampira. Diante disto, temos algumas concepções pertencentes à teoria escolhida que devemos pontuar. Inicialmente, trataremos de Signos, que são sinais ou objetos observados, apreendidos, os quais possuem um significado e um significante. Dentro da semiótica, temos conceitos conhecidos pela vivência do mundo, mas quando teorizados e estudados, revelam sua complexidade.

Significado, segundo Volli, é “[...] uma classe de possíveis conteúdos mentais singulares” (Volli, 2007, p. 33), isto nos revela que para cada situação, um signo adquire um sentido específico, a partir de um referente concreto, assim, o significado é a junção dos sentidos possíveis que este signo pode ter em situações particulares de uso. Volli (2007) pontua que Significante se trata de uma “realidade psíquica compartilhada”, desse modo, são construções reconhecíveis alicerçadas em convenções culturais e sociais, sendo compreendidos como um “modelo geral” para se entender algo. Então, se confere



“[...] como uma classe abstrata correspondente ao conjunto inteiro de possíveis sinais que lhe podem corresponder” (Prieto apud Volli, 2007, p. 33).

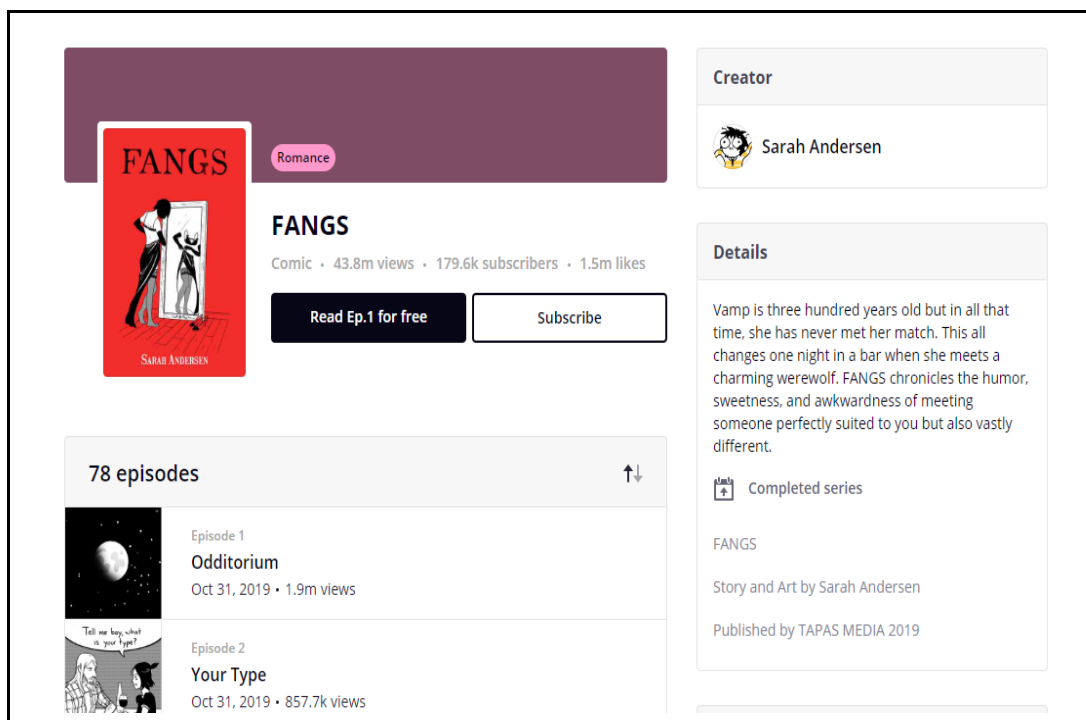
Diante disso, a nossa busca neste trabalho é desvelar como a protagonista Elsie, uma mulher-vampira, se apresenta enquanto signo icônico. Nessa busca pelo recorte de recriação do vampiro literário nos valem, primeiramente, do mito vampírico feminino, considerando a materialidade, segundo Ramos (2009), os personagens são referência para a orientação do leitor quanto ao rumo da história, portanto, nos valem de algumas personagens femininas já referenciadas. Quanto ao vampiro tradicional, consideramos que o vampiro stokeriano é, a priori, aquele que se adapta ao período em que se encontra imerso, “vemos assim que Ruthven conseguiu adaptar-se aos seus tempos e também à sua posição na sociedade [...] representa a sua própria época e não um passado remoto [...]” (Marques, 2018, p. 49). Assim, temos uma atualização da figura vampiresca, não mais presa a antiguidade, arcaica e deslocada temporariamente, mas um ser que busca acompanhar o período em que se encontra, corroborando assim, para uma aproximação com o humano, que com o passar dos anos muda e se adapta principalmente, fisiologicamente.

Na retomada teorização de Volli (2007), cabe indagar quais os sentidos contidos no objeto escolhido e seus significantes? O que é possível compreender a partir da “realidade psíquica compartilhada” em um objeto específico, sendo este, a narrativa gráfica? Com os signos que observamos e conhecemos temos a significação, o movimento de passagem de informação e construção de comunicação. Apreendemos a partir de Saussure que toda comunicação tem pilares imprescindíveis, emissor, mensagem e destinatário. A significação é feita pelo destinatário, “observando certos fatos” (Volli, 2007, p. 19). Para a análise do objeto em estudo, nos concentraremos em duas conceituações, a de **signo icônico**, quando temos “[...] o significante semelhante ao seu significado” (Volli, 2007, p. 40) e na de **interpretante**, que “[...] é alguma outra representação referente ao mesmo objeto ou significado” (Volli, 2007, p. 37). Elucidaremos, mais a frente, esses aspectos em trechos retirados da narrativa gráfica em análise.



Um olhar semiótico sobre Elsie, a vampira

Dentro dos estudos da semiótica, a forma é o que importa. A partir da teoria de Peirce, muito nos interessa observar como este postulado se apresenta em *Mordida* (2021), tendo como recorte analítico, a protagonista vampira. A autora iniciou suas publicações no formato online em versões digitais. Suas principais obras são: *Ninguém vira adulto de verdade* (2016), seguida de *Uma bolota molenga e feliz* (2017), *A louca dos gatos* (2018), *Fangs* (2020); *Cryptid Club* (2022) e *Esquisitona* (2024), apenas *Cryptid Club* ainda não traduzida para a língua portuguesa. Todas as coletâneas da autora são de quadrinhos, cartuns ou tirinhas, mas *Mordida* (2021) é a primeira de suas obras que apresenta uma narrativa contínua, caracterizada por ter um enredo sequencial. com temas que envolvem a vida adulta e o cotidiano de um casal insólito. A história em quadrinhos em estudo apresenta o desenvolvimento de um romance entre uma vampira, Elsie, e um lobisomem, Jimmy, a partir de um encontro em um bar que tem monstros como bem-vindos. Elsie e Jimmy desenvolvem uma relação romântica entre figuras distintas ainda que “monstruosas”. A narrativa é centrada no eixo romântico, construída em um tom intimista e particular por ser voltada aos dois personagens, apresentando no enredo, o cotidiano compartilhado por ambos. Esta história em quadrinhos foi lançada em setembro de 2020, intitulada *Fangs*, e editada/traduzida para o português em 2021. Inicialmente, a obra foi publicada no formato de *webcomic* (quadrinhos digitais) na plataforma *Tapas.io* (Figura 1) no período de 31 de outubro de 2019 a 02 de junho de 2020. Posteriormente, o material *Fangs* migrou do meio digital para o impresso.

Figura 1: Print da página de *Fangs*.

Fonte da imagem: Tapas⁶.

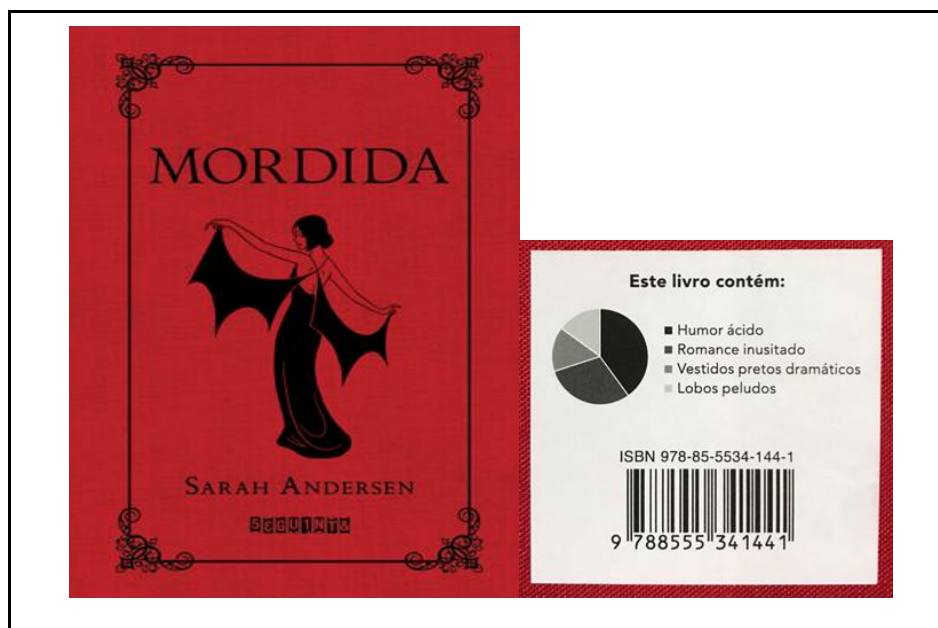
Nessa migração, o seu formato ganha destaque e se particulariza enquanto objeto, uma vez que, tem a materialidade de um livro; possui maior extensão em relação ao número de páginas; está inserida em um nicho de recepção do mercado que busca orientar os leitores com informações sobre o texto, além de possuir uma apresentação física atraente ao leitor (Figura 2). É necessário destacar que a materialidade está prevista no planejamento do projeto gráfico e interfere diretamente na forma como o receptor pode encontrar os correspondentes da comunicação prevista no objeto. O volume da obra em estudo oferece um primeiro destaque pelo tamanho compacto (16 x 1.4 x 20.6 cm) e pela textura de linho vermelho que recobre o volume, oferecendo uma experiência sensorial e visual que remete aos livros de bolsos de encadernação tradicional. Quanto ao conteúdo, abarca uma densidade de conceitos acerca do cotidiano, relacionamento amoroso e identidade, da protagonista que é um monstro e vive essa realidade, traduzidos no gráfico da quarta capa que indica a porcentagem de temas e dialoga diretamente com o leitor. Nesse sentido, Elsie é a figura em destaque desde a capa do volume, ela está centralizada

⁶ Disponível em: <https://tapas.io/series/fangscomic/info>.



na imagem e de costas com partes de um vestido como se fossem asas, com vemos na Fig. 2

Figura 2: Capa e contracapa.



Fonte das imagens: montagem das autoras.

A partir dos estudos de Postema (2018) e García (2012), e retomando o que a editora propões na distribuição de *Mordida*, essa obra é vendida como uma *graphic novel* (romance gráfico), que são caracterizados como publicações em um só volume, no formato de livro, ademais, são “quadrinhos com histórias narradas no formato de livros direcionados ao público adulto (geralmente com boa qualidade gráfica e à venda em livrarias) também fazem parte do fetichismo do livro” (Boff, 2012, p. 93). Diante dessa apresentação física da obra e investidos da ideia de que “a crítica literária semiótica não ‘interpreta’, o que o analista deve fazer é entrar no jogo para produzir mais jogo” (Silva, 2018, p. 261), selecionamos alguns signos presentes nos quadros da obra para analisarmos sua significação sobre o signo icônico: Elsie, a vampira.

Apoiamo-nos na elucidação de Volli, “[...] o signo icônico é acompanhado e condicionado por convenções que nos permitem identificar o objeto apresentado” (2007, p. 41) como também na de Santaella (2005), quando propõe que uma qualidade por ser um aspecto formal é um signo, sendo um quali-signo, deste modo, a autora reforça a ideia de Volli quanto às convenções, pois, “no caso do quali-signo icônico, seu objeto imediato tem sempre um caráter descritivo, pois estes determinam seus objetos dinâmicos,

declarando seus caracteres” (Santaella, 2005, p. 16). Assim, as convenções são identificadas pela descrição.

Figura 3: Elsie.



Fonte: *Mordida* (2021), p. 9.

O nosso signo icônico, a vampira, é uma figura esguia, pálida, com presas, consumidora de sangue e com 300 anos de idade, entre outros marcadores vampíricos (Figura 3). Todas essas características foram convencionadas a partir de outras histórias e possibilitam a identificação de um vampiro. Nesse caso, estamos tratando especificamente de um mito literário que se constituiu a partir de identificadores descritivos consagrados, principalmente, no romance *Drácula* (Stoker, 1897). Dentre eles podemos citar a ausência de reflexo em espelhos, sensibilidade fatal ao sol, corpo gelado e dentes afiados, que se perpetuou em uma gama de produtos ficcionais desde a literatura gótica, narrativas fílmicas, história em quadrinhos e poemas.

O jogo de construção de sentidos elaborado através desses marcadores, enquanto signos resultam, na história em quadrinhos, no reforço da significação do vampiro como

este ser não-humano, por vezes monstruoso, mas que em *Mordida* (2021) é estilizado. Segundo Sant'anna (2003), Estilização é um artifício de retomada, neste caso, de um personagem, sem explodir os limites que o delimitam, assim, de um determinado código. Em nossa análise, nos interessa uma das manifestações deste recurso narrativo: a Recriação. Tal mecanismo se revela na representação do vampiro, na apropriação de características já consagradas e na implementação de novas marcas. Isto porque temos a retomada do gótico a partir da vampira, porém, há uma atualização no enredo: o cotidiano partilhado entre dois seres com presas, uma vampira e um lobisomem, os quais se envolvem em um relacionamento amoroso.

Figura 4: Recortes dos signos.



Fonte: *Mordida*, 2021, p. 19-76.

Posto isto, os signos que recolhemos são: as presas, marca identitária de um vampiro; as caveiras e o caixão, itens que denunciam a morbidez; as bolsas de sangue, regime contemporâneo de alimentação; a igreja em chamas e a cruz invertida, que resgatam o discurso religioso acerca do vampirismo; Elsie em chamas, a sensibilidade ao



sol e a natureza morta, o ambiente, a qual como Drácula, ela interfere (Figura 4). Esses elementos são justificados por proporcionarem, pelo grau de pertinência que conferem ao enredo, a significação de uma história sobre uma vampira.

Segundo Ugo Volli, “toda vez que há significação ou comunicação há pertinência, isto é, escolha preliminar daquilo que interessa evidenciar e compartilhar com os outros” (2007, p. 39). Andersen buscou retratar uma vampira como protagonista, apresentando uma figura feminina emancipada, não vitimizada e sem marcas de vilania, focalizando uma representação centrada no seu cotidiano. Assim, a relação sónica pode se estabelecer da seguinte forma: temos como significante, o vampiro, essa “[...] identidade reconhecível da parte de todos [...]” (Volli, 2007, p. 33), diante do mito e de suas representações nos meios de comunicação. Como significado, temos as possíveis interpretações dos leitores dessa figura, aqui como uma vampira com sentido humanizado, em seu cotidiano romântico, muito mais próxima de uma humana que de um monstro. Então, o interpretante é um equivalente de sentido que proporciona a relação entre significado e significante, como lê Santaella (2000, 2004 apud Silva, 2007), se refere ao efeito interpretativo produzido pelos signos em *Mordida* (2021), na mente do intérprete.

Portanto, compreendemos que é uma história sobre um ser fantástico, a vampira, pois “[...] pensar é necessariamente ligar signos [...]” (Volli, 2007, p. 37). Enquanto analistas, podemos ligar os signos de Elsie aos signos relacionados ao vampirismo, entretanto, esses signos não são apenas uma repetição, mas, uma recriação. Esse movimento diante da humanização da vampira, advinda do cotidiano e suas nuances na narrativa é tendência que aparece desde *Entrevista com vampiro* (1976), obra de Anne Rice, em que conhecemos o vampiro sensível Louis, transformado por Lestat, que não perde sua sensibilidade e questionamento sobre a vida, assim, não abre mão daquilo que é humano, como o medo, o amor e a esperança. Evidenciamos, ainda, que assim como para Kristeva, acreditamos que “o significado é sempre fugidio” (Silva, 2018, p. 263), deste modo, a construção do vampiro não se esgota em nossa análise, pelo contrário, acrescenta configurações possíveis.

Considerações finais

A forma se apresenta em *Mordida* (2021) como aspecto essencial ao suporte, história em quadrinhos. Neste gênero, devemos buscar ler além do texto verbal, caso este



exista, contemplando as imagens que o completam e o ampliam. No presente artigo, observamos como a personagem-protagonista, Elsie, se constitui como um signo icônico, a partir de interpretantes presentes na obra, compreendendo a significação atribuída à figura da vampira. A partir da “realidade psíquica compartilhada” analisamos que a personagem-protagonista é um signo icônico por ter atrelado a ela diversos signos que ampliam e lhe conferem sentido ao ser vampiro: as presas, as caveiras, o caixão, as bolsas de sangue, a igreja em chamas, Elsie em chamas, a natureza morta e a cruz invertida. Todos com a propriedade de interpretante, outras representações referentes ao objeto, Elsie. Estes signos são referenciais interpretativos, elementos presentes em objetos anteriores, como o romance *Drácula* (Stoker, 1897), filmes, entre outros, os quais provocam o eterno retorno desta figura, reafirmando suas marcas.

A relação sógnica estabelecida pelos intérpretes ao decodificar tais elementos leva ao sentido humanizado dado à vampira, diante do enredo romântico no qual se insere e, principalmente, em como os elementos que elencamos são apresentados e organizados na obra, de modo a distanciar a personagem do monstruoso-vilanizado e aproximá-la do humano, com sentimentos, sensações e uma vida cotidiana. Ademais, evidenciamos aqui, a importância do protagonismo centrado no feminino vampírico, tendo em vista que o mito do vampirismo literário, o qual evoca o resgate da figura vampiresca geralmente, como o vampiro - o *Drácula*, o *Lestat*, o *Nosferatu* - surgida nas histórias oralizadas dando forma ao folclore, a qual é representada de diversas formas, apresentada figuras femininas resumidas à vítimas ou sedutoras, com fins trágicos. Portanto, pontuamos que a semiótica revela um acervo de conceituações e contribuições essenciais ao estudo dos elementos linguísticos e artísticos das histórias em quadrinhos, diante de sua complexidade, contribuindo para seu estado de arte. É uma mudança significativa de perspectiva, para a feminina.

Referências

AIDAR, José Luiz; MACIEL, Márcia. **O que é vampiro**. Editora Brasiliense: São Paulo, 1986.

ANDERSEN, Sarah. **Mordida**. São Paulo: Seguinte, 2021.

BOFF, Ediliane de Oliveira. Traços de uma novela gráfica. **9º arte**, São Paulo, vol. 1, p. 93- 96, 2º semestre/2012. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/nonaarte/article/view/99723/98157>



CORREA, Bruna Pascoal. **Vampirismo feminino em Carmilla e suas reverberações**. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. p. 100. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/34970>.

GARCÍA, Santiago. **Novela gráfica**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016. 260 p.

PEIRCE, Charles Sanders. Divisão dos signos. In: **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2010. p. 45-61.

PORTO chacon humphreys, j. **O vampiro na literatura: um estudo sobre a constituição da performance da personagem através da permutabilidade do tema**. Revista de letras - juçara, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 312–331, 2018. doi: 10.18817/rlj.v2i1.1600.

POSTEMA, Barbara. **Estrutura narrativa nos quadrinhos: construindo sentido a partir de fragmentos**. Tradução: Gisele Rosa. São Paulo: Petrópolis, 2018.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase & Cia**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

SANTANNA, Diogo Ferraz. **O mito do vampiro na literatura e no cinema: a influência de Drácula, de Bram Stoker**. 2015. 44p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Pampa, Bagé - Minas Gerais.

SILVA, Marcelo Brito da. Implicações da semiótica de Julia Kristeva para a crítica literária. In: **Congresso Internacional ABRALIC: Circulação, tramas & sentidos na Literatura**, XVI, 2018, Online. Anais. São Paulo: Abralic, 2018. p. 261-274.

SILVA, José Fernandes da Silva. O interpretante. **Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 1-10, agosto de 2007. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/download/552/472/1516>. Acesso em: 08 de abril de 2024.

VOLLI, Ugo. **Manual de semiótica**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.